



Interrupção necessária (I)

(Em torno de um artigo do sr. Jolumá Brito)

Odilon Nogueira de MATOS

Interrompo a série que vinha publicando sobre "A PUCC e os Simpósios de História" não por amor à polêmica, que não a amo. Ao contrário, sempre lhe fui avesso, não vendo nela senão uma ginástica intelectual inútil. Nunca soube de alguma que levasse a qualquer resultado, a não ser fazer os contendores ficarem cada vez mais arraigados nas suas convicções. O Padre Júlio Maria e o Reverendo Alvaro Reis travaram a mais famosa, erudita e prolongada polêmica de que se tem notícia neste país, para, no fim, um ficar ainda mais católico e outro mais presbiteriano. E quando se trata de dois indivíduos que pensam da mesma maneira, comungam os mesmos ideais, trabalham no mesmo objetivo, apenas falando uma linguagem um pouco diferente, aí, então, é que ela se revela desnecessária. Eis porque minha interrupção desta semana não é para "responder" a Jolumá Brito, mas tão só para tecer alguns comentários em torno do artigo com que ele me honrou em dias da semana passada, ao longo de toda uma coluna do "Diário do Povo". Aliás, devo declarar de início que, ao contrário do que algumas pessoas procuraram me prevenir, sempre tive, da parte de Jolumá Brito, demonstrações de cordialidade, pois é sempre de maneira amável e elegante que ele tem se referido ao meu trabalho nas "prateleiras" do seu apreciado "Bazar", ora com referência ao meu interesse pela nomenclatura de ruas, ora a propósito da "Notícia Bibliográfica e Histórica" de que o ilustre jornalista e historiador é leitor assíduo. Não tenho senão que lhe ser grato. E não é de hoje. Conservo carinhosamente em minhas estantes o seu "Tônico de Campinas", com amável dedicatória, sem data, mas que sei que é do começo de 1937, o que vale dizer há quase quarenta anos. Isto é, assim que o livro foi publicado. Tal livro, eu o tenho utilizado inúmeras vezes, e não faz muito foi dele que extrai precioso documento sobre Carlos Gomes, para enriquecer o número especial da "Notícia Bibliográfica" dedicado ao bicentenário de Campinas.

Todavia, temos às vezes falado numa linguagem um pouco diferente, e é precisamente esta diferença que me leva, sem intuídos polêmicos, mas apenas para o aclaramento da verdade, a apreciar as duas colocações, a de Jolumá Brito e a minha.

Em primeiro lugar, devo informar que o "Breve Relatório", que foi o ponto de partida de seu artigo, não foi publicado em junho do corrente ano, durante sua magnífica e proveitosa viagem ao Velho Mundo. Não. Foi publicado em fins de 1969, ou seja há seis anos, e se a ele me referi agora foi apenas para historiar a contribuição de nossa Universidade Católica ao Simpósio de História que em Campinas se realizou naquele ano. É verdade que, como deixei claro, muitas de suas proposições continuam válidas em que pese o tempo decorrido de sua elaboração e publicação.

Em segundo lugar, o "Breve Relatório" dizia respeito exclusivamente a fontes primárias, de cujo arrolamento se cogitava na ocasião. Eis porque ele não se refere a bibliotecas e nem a jornais. Seria tolice de minha parte — e mais que tolice, seria injustica — ignorar o trabalho que Dona Carmen vem realizando, modesta e pacientemente, na Biblioteca Pública Municipal. Já lembrei a um companheiro de imprensa a conveniência de uma reportagem sobre o seu serviço, para que todos possam saber o que a digna Senhora já tem feito em matéria de recortes de jornais, folhetos, opúsculos, impressos de maneira geral, tudo fichado e catalogado, de modo a permitir a qualquer momento — e até por telefone — uma informação rápida e segura, eficiencia essa que eu próprio já comprovei em mais de uma oportunidade. Porém, as críticas do "Breve Relatório" não se referiam a trabalhos dessa natureza, razão pela qual deixarei para outra oportunidade apreciar publicamente o digno e louvável trabalho de Dona Carmen.

Em terceiro lugar, interessa-me a pesquisa histórica como serviço de utilidade pública e não como patrimônio particular. É impressionante que cada vez que eu lamento pelos jornais que em Campinas falta isto ou aquilo, o preclaro amigo Jolumá apressa-se em responder-me dizendo que ele possui tudo o que eu reclamo. Mas — aqui é pega o carro — não basta que Jolumá possua. É preciso que a cidade possua, para que todos os interessados e não apenas aqueles que são amigos de Jolumá (ou de qualquer outra pessoa que esteja no seu caso) possam beneficiar-se da sua riqueza arquivada. Não se compreende mais, em termos de moderna metodologia científica, que a pesquisa histórica fique dependendo apenas dos colecionadores de boa vontade, pacientes e beneditinos que, ao longo de toda uma existencia reunem em suas casas o que, para o vulgo, não passa de "papel velho". Jolumá Brito, com extrema amabilidade colocou seu documentário à minha disposição. O dia em que precisar não farei cerimônia. Baterei à sua porta. Mas não seria mais racional que todo esse documentário, devidamente fichado e catalogado estivesse num Centro de Documentação e Pesquisa (ou que outro nome tenha) para que todos pudessem utilizá-lo? Se a historiografia européia ou norte-americana está muitos furos acima da nossa, é justamente porque nesses países a pesquisa histórica é considerada serviço de utilidade pública, através de magníficos e bem aparelhados arquivos, como o próprio Jolumá constatou em sua visita a Portugal, de onde trouxe, ao que informa, riquíssimo documentário que pretende oferecer, segundo ainda sua informação, ao preclaro Amaral Lapa. Melhores mãos seriam impossíveis. Lapa sabe o que fazer com os documentos, como o tem demonstrado em seus valiosos trabalhos, verdadeiros modelos de pesquisa histórica. Teria Jolumá conseguido o documentário que trouxe se lá em Portugal a pesquisa também estivesse na dependência de particulares que poderiam ou não ter satisfeito ao seu desejo?

Em quarto lugar, lembraria que mesmo as instituições campineiras (cujos arquivos são riquíssimos) falham nesse mister de conservação dos seus elementos de cultura. Haja vista o Centro de Ciências, onde a dedicação verdadeiramente sacerdotal de Dona Maria Luísa não tem sido suficiente para corrigir uma situação que vem de longe. Como é doloroso ver, naquele local, as coleções da preciosa "Gazeta de Campinas" recortadas com gilete por algum consulente cômico que, aproveitando-se da distração dos funcionários ou abusando de sua confiança, achou mais fácil passar a lâmina do que copiar a informação desejada! É lamentável que o riquíssimo acervo que se encontra no sótão — e que não faz muito deixou boquiaberto um ilustre pesquisador da Universidade de São Paulo, que não imaginava houvesse ali tanta coisa valiosa — não esteja em condições de ser utilizado. Não faz muito, o próprio Jolumá Brito relatou haver encontrado praticamente no lixo peças valiosas da bibliografia campineira, simplesmente jogadas fora, e que ele conseguiu salvar levando-as para a sua casa. É para evitar cenas desta natureza que reclamo para Campinas o Centro de Documentação de Pesquisa, no qual, dentro da moderna técnica arquivística e bibliográfica, todo esse material seria cientificamente preparado e entregue à consulenta, sem necessidade de atitudes semaritanas como a do ilustre autor da "História de Campinas".

Tenho, ainda, duas considerações a fazer em torno de "Mestre Odilon". Mas não tenho senão que deixá-las para a próxima sexta-feira.

Correio Popular

24-8-1975